

AMOR E ENSINO: ARTICULAÇÕES ENTRE A TEORIA DAS CORES DO AMOR E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS HUMANIZADAS

Love and Education: connections between the Theory of the Colors of Love and
Humanized Pedagogical Practices

 **Ana Carolina Figueiredo Peixoto**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6786-2252>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Contato: anacfpeixoto@gmail.com

 **Juliana Figueiredo Peixoto**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9049-7529>

Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, Brasil

Contato: jufpeixoto@gmail.com

Resumo: A Teoria das Cores do Amor, desenvolvida pelo sociólogo canadense John Alan Lee na década de 1970, oferece uma abordagem tipológica ao classificar diferentes estilos de amar, contribuindo para a compreensão das dinâmicas afetivas humanas. Embora tenha sido criada para explicar relações românticas e eróticas, essa teoria também demonstra potencial para ser aplicada a outros vínculos interpessoais, como amizades, relações familiares e contextos educativos. Este ensaio visa explorar algumas das articulações possíveis entre Teoria das Cores do Amor e práticas pedagógicas humanizadas, analisando como os seis estilos de amor (Eros, Ludos, Storge, Pragma, Mania e Ágape) podem atravessar as dinâmicas relacionais. Por meio de uma abordagem teórica e reflexiva, este texto propõe que considerar os diferentes estilos de amor em contextos educativos pode enriquecer a relação professor-aluno, criando um ambiente de aprendizagem pautado pelo respeito mútuo, pela confiança e pela colaboração. Argumenta-se que compreender esses estilos pode ajudar educadores a atender melhor às necessidades emocionais e intelectuais dos alunos, promovendo uma educação mais humanizada, que valorize a diversidade e respeite as individualidades. Conclui-se que, ao incorporar a Teoria das Cores do Amor, os educadores têm a oportunidade de desenvolver uma prática pedagógica mais integrativa, que vá além da transmissão vertical do conhecimento e, ao acolher o afeto e atentar às dimensões emocionais dos estudantes, contribua para sua formação plena, promovendo tanto o bem-estar geral quanto o desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Palavras-chave: Cores do Amor; Pedagogia; Afeto; Relações Interpessoais.

Abstract: The Color Theory of Love, developed by Canadian sociologist John Alan Lee in the 1970s, offers a typological approach by classifying different styles of loving, thus contributing to the understanding of human affective dynamics. Although originally created to explain romantic and erotic relationships, this theory also shows potential for application to other interpersonal bonds,

such as friendships, family relationships, and educational contexts. This essay aims to explore some of the possible connections between the Color Theory of Love and humanized pedagogical practices, analyzing how the six styles of love (Eros, Ludus, Storge, Pragma, Mania, and Agape) may permeate relational dynamics. Through a theoretical and reflective approach, this paper proposes that considering the different styles of love in educational settings can enrich the teacher-student relationship, creating a learning environment grounded in mutual respect, trust, and collaboration. It is argued that understanding these styles can help educators better meet students' emotional and intellectual needs, fostering a more humanized education that values diversity and respects individualities. It concludes that by incorporating the Color Theory of Love, educators have the opportunity to develop a more integrative pedagogical practice, one that goes beyond the vertical transmission of knowledge and, by embracing affection and attending to students' emotional dimensions, contributes to their holistic formation, promoting both general well-being and academic and personal development.

Keywords: Colors of Love; Pedagogy; Affection; Interpersonal Relationships.

Introdução

O amor tem sido objeto de fascínio de filósofos, artistas, romancistas e pesquisadores ao longo dos séculos. Esse interesse deve-se, entre inúmeras razões, ao fato do amor ser um dos elos fundamentais que sustentam as mais importantes interações humanas. Vale ressaltar que o amor não se limita a uma única categoria ou manifestação. Ele pode se expressar de diversas formas e em diferentes contextos, ultrapassando o amor romântico entre casais. Há o amor erótico, que permeia as relações amorosas; o amor filial, que fortalece os laços familiares e de amizade; o amor pelo trabalho, que inspira e conecta pessoas no ambiente profissional; entre outros. Cada uma dessas formas de amor desempenha um papel essencial na construção de vínculos, na convivência social e no desenvolvimento humano.

John Alan Lee (1933-2013) foi um sociólogo, escritor e ativista canadense que se importou em conhecer o amor de uma maneira diferente. Na década de 1970, John Alan Lee desenvolveu e apresentou a Teoria das Cores do Amor (1973), contribuindo para uma compreensão tipológica do amor. Essa teoria identifica e descreve diferentes estilos de amor que moldam as interações românticas, oferecendo uma rica perspectiva sobre as dinâmicas afetivas humanas (Lee, 1977). Embora tenha sido originalmente concebida para compreender as relações amorosas e eróticas, a teoria apresenta um potencial promissor para ser aplicada a outras formas de interações interpessoais, ampliando seu alcance para contextos diversos, como amizades, relações familiares e até mesmo ambientes educacionais.

Este breve ensaio propõe articular os estilos da Teoria das Cores do Amor com propostas de práticas pedagógicas humanizadas, destacando que a relação entre educadores e educandos vai além do simples processo de ensino-aprendizagem. Aqui, o amor não é entendido em seu aspecto romântico, mas como um elo poderoso que influencia profundamente a forma como os educadores se conectam com seus alunos e, reciprocamente, como esses alunos se envolvem no processo de aprendizagem. O objetivo

central é analisar como os seis estilos de amor dessa teoria podem contribuir para a criação de um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e libertador. A reflexão apresentada busca enfatizar a importância de compreender as dinâmicas afetivas na educação, sublinhando o papel essencial do amor no desenvolvimento acadêmico e emocional dos alunos.

1. A Teoria das Cores do Amor

A Teoria das Cores do Amor, desenvolvida por John Alan Lee e proposta inicialmente na década de 1970, parte do pressuposto de que o amor é algo aprendido e que os diferentes estilos de amor refletem a diversidade das formas de relacionamento humano (Neto, 2007). Diferente de filósofos, romancistas e outros pensadores que buscam definir o amor em termos absolutos, Lee (1973) buscou distinguir as múltiplas expressões do amor, especialmente nas relações íntimas adultas, por meio de um método de tipologia construtiva.

Para ilustrar sua teoria, Lee utilizou a roda das cores como uma metáfora: assim como as cores primárias podem se combinar para formar cores secundárias, os estilos de amor primários também se misturam, originando diferentes manifestações de amor, sem que isso implique em inferioridade entre eles (Lee, 1973). A categorização inicial se deu com base em atributos primários identificados através de um procedimento de análise espacial e aplicação do questionário *Love Story Card Sort* (Lee, 1973). Os três estilos primários identificados foram Eros, Ludos e Storge, representados pelas cores vermelho, azul e amarelo, respectivamente.

Eros, segundo Lee (1977), é o amor apaixonado, caracterizado pela busca de um parceiro que atenda a um ideal físico e pelo desejo de intimidade emocional e física intensa. Pessoas que amam com base nesse estilo tendem a expressar seus sentimentos de forma verbal e tátil (Martins-Silva et al., 2013). Ludos é o amor lúdico, caracterizado pela diversão, pluralidade e pelo desinteresse em compromissos exclusivos ou de longo prazo. Quem ama de forma lúdica busca múltiplos parceiros e se envolve com leveza, sem priorizar vínculos profundos (Lee, 1977). Por outro lado, Storge está relacionado a um amor que surge do companheirismo e da amizade, privilegiando o desenvolvimento de laços afetivos antes de qualquer aspecto sexual. Esse estilo de amor tende a valorizar relacionamentos íntimos e duradouros (Lee, 1977).

Quando esses estilos primários se combinam, surgem os estilos secundários: Mania, Pragma e Ágape, representados pelas cores roxo, verde e laranja, respectivamente (Lee, 1977). Mania, que resulta da fusão entre Eros e Ludos, é caracterizado como um amor obsessivo, emocionalmente intenso e permeado por sentimentos de ciúme e insegurança, acompanhado de uma necessidade constante de reafirmação do afeto. Pragma, fusão de Storge e Ludos, reflete um amor pragmático, baseado em critérios racionais como compatibilidade de metas, idade e religião. Ágape, por sua vez, é o amor altruísta que combina as características de Eros e Storge. Trata-se de um estilo marcado pela generosidade e pelo cuidado incondicional, sem expectativas de reciprocidade (Lee, 1977).



É importante ressaltar que os estilos de amor não representam rótulos fixos ou rígidos. Ao contrário, eles são dinâmicos, e podemos expressar características de diferentes estilos, adaptando e transformando nossa maneira de amar ao longo da vida, à medida que adquirimos novas experiências e nos envolvemos em diferentes relacionamentos.

Embora a Teoria das Cores do Amor tenha sido concebida inicialmente para compreender os relacionamentos amorosos, seu potencial vai além desse campo. A pluralidade dos estilos de amor apresenta uma oportunidade única para refletir sobre outras interações interpessoais, como aquelas que ocorrem no contexto educacional. Ao articular aspectos dessa teoria na prática pedagógica, é possível pensar em formas de enriquecer as relações entre educadores e alunos de forma humanizada. O amor, entendido aqui como um elo humano profundo e não como um sentimento romântico, pode ser um recurso transformador para criar ambientes de aprendizagem mais empáticos e inclusivos. Dessa maneira, os estilos de amor propostos por Lee podem servir como uma base teórica para pensar a educação como um espaço onde afeto e conhecimento se entrelaçam para favorecer o desenvolvimento pleno de educadores e alunos.

Teoria das Cores na prática pedagógica

O ensino tradicional, focado na transmissão passiva do conhecimento, tem se revelado inadequado para acompanhar as demandas de um mundo em constante transformação (Alves, 2025). Assim, torna-se cada vez mais necessário adotar metodologias pedagógicas que estimulem a participação ativa dos estudantes e favoreçam o desenvolvimento pleno de suas competências cognitivas e socioemocionais (Freire, 2018; Vygotsky, 1978).

A consideração dos estilos de amor da Teoria das Cores do Amor no contexto educacional a partir de articulações freireanas, abre possibilidades interessantes para repensarmos as dinâmicas entre educadores e alunos, oferecendo uma abordagem mais humanizada para o processo de ensino-aprendizagem. Embora a teoria de John Alan Lee tenha sido inicialmente formulada para compreender as relações amorosas, seus princípios podem ser adaptados para a educação, considerando que, no ambiente escolar, as relações interpessoais também são essenciais para o desenvolvimento de todos os envolvidos.

A ideia de construir relações no contexto educacional pelo estilo Eros, por exemplo, não significa promover um amor romântico na escola, mas sim explorar a intensidade da conexão emocional entre educadores e alunos. Um educador que adota características desse estilo poderia, por exemplo, cultivar um ambiente de aprendizagem onde os alunos se sintam emocionalmente seguros e reconhecidos. Esse tipo de vínculo afetivo pode proporcionar uma atmosfera em que os alunos não só se sintam próximos, mas também mais motivados a se engajarem no processo de aprendizagem. Ao demonstrar interesse genuíno pelo bem-estar e pelo desenvolvimento dos alunos, o educador pode estimular um ambiente mais aberto, onde as dificuldades são compartilhadas e as vitórias, celebradas.



Por outro lado, o estilo Ludos, com sua ênfase na diversão, na leveza e na criatividade, pode ser uma maneira de tornar o processo de aprendizagem mais envolvente e acessível. A educação, muitas vezes associada à seriedade e à dificuldade, pode se beneficiar de uma abordagem mais lúdica, que incentiva a experimentação e o prazer pelo aprendizado. Ao introduzir jogos, gamificação, atividades práticas e desafios interativos, o educador pode despertar o interesse dos alunos e proporcionar momentos de aprendizagem mais descontraídos, permitindo que os estudantes se envolvam de maneiras diversas e criativas. O estilo Ludos também pode ser útil para promover a autonomia dos alunos, ao encorajá-los a explorar diferentes soluções para os problemas e trabalhar em colaboração com seus colegas.

No contexto do estilo Storge, a ênfase recai sobre o desenvolvimento de vínculos de amizade e companheirismo. A possibilidade de aplicar esse estilo na educação envolve a criação de um ambiente onde os alunos se sintam parte de uma comunidade. Professores ao cultivarem esse tipo de relação, poderiam focar no apoio contínuo e no desenvolvimento de laços duradouros, o que pode ajudar a construir um ambiente escolar mais acolhedor e solidário. A relação entre professor e aluno, baseada no companheirismo e na confiança, pode ser um elemento fundamental para que o estudante se sinta apoiado em sua jornada acadêmica e pessoal. Quando o ambiente escolar se torna um espaço de amizade e de troca de experiências, os alunos têm a oportunidade de se desenvolver não apenas intelectualmente, mas também emocionalmente, aprendendo a valorizar a colaboração e o respeito mútuo.

O estilo Mania traz consigo uma intensidade emocional que pode ser desafiadora no contexto educacional, mas também oferece uma oportunidade para refletir sobre os limites nas relações afetivas dentro da sala de aula. A ideia de um amor obsessivo ou dependente, que requer afirmações constantes, pode se manifestar em alunos que demandam atenção constante ou que têm dificuldades em lidar com críticas e frustrações. Embora esse estilo de amor, em sua forma mais extrema, possa ser produtor de sofrimento, ele também nos convida a pensar sobre como educadores podem oferecer suporte emocional para alunos que realçam mais atenção e orientação, ajudando-os a desenvolver sua autoestima e confiança.

Por sua vez, o estilo Pragma, voltado para a busca de compatibilidade e pragmatismo, pode ser um ponto de partida para estratégias educacionais mais personalizadas. No contexto escolar, isso poderia ser traduzido em uma abordagem que considera as necessidades específicas de cada aluno, levando em conta seu contexto socioeconômico, interesses e objetivos. Educadores que adotam o estilo Pragma podem, portanto, procurar construir relações com seus alunos baseados na compreensão e na adaptação do ensino a suas necessidades individuais. A educação, assim, não seria um processo único, mas flexível, onde o professor ajusta suas práticas de acordo com as características e os objetivos de cada estudante, promovendo uma aprendizagem mais significativa.



Finalmente, o estilo Ágape, com sua ênfase no amor altruísta e desinteressado, abre caminho para a reflexão sobre a importância do cuidado e da generosidade no ambiente educacional. Educadores que demonstram características de Ágape podem ser vistos como aqueles que se dedicam ao bem-estar dos alunos de forma genuína, buscando ajudá-los não apenas a alcançar o sucesso acadêmico, mas também a se tornarem pessoas mais empáticas e solidárias. Uma aplicação desse estilo na educação poderia envolver ações de acolhimento, paciência e compreensão, criando um ambiente onde os alunos se sintam respeitados e valorizados independentemente de suas capacidades ou resultados. Além disso, a generosidade do professor ao se envolver com seus alunos de forma desinteressada pode inspirar esses alunos a também serem mais solidários uns com os outros, contribuindo para um ambiente de cooperação.

Uma outra possibilidade interessante de aplicação da Teoria das Cores do Amor no contexto educacional é a tentativa dos educadores de identificar o estilo de amor predominante em seus alunos. Esse processo de descoberta pode não ser fácil, mas pode fornecer uma compreensão mais profunda das motivações, necessidades emocionais e formas de interação de cada estudante. Ao conhecer o estilo de amor predominante de um aluno, o educador poderá adaptar suas abordagens e práticas pedagógicas de modo a construir um vínculo mais sólido e genuíno com ele. Isso porque metodologias que estimulam a interação e a contextualização tornam-se essenciais para construir um aprendizado realmente sólido e duradouro (Vygotsky, 1978). Por exemplo, um aluno com um estilo Eros, que valoriza a conexão emocional intensa, pode responder de maneira mais positiva a um educador que demonstra interesse genuíno por sua vida e sentimentos. Já um aluno com um estilo Ludos, que aprecia a diversão e a leveza nas interações, pode se envolver mais em atividades que incluem jogos, gamificação, desafios e tarefas criativas, pois uma educação humanizada não só respeita as individualidades dos alunos, mas também promove ambientes de aprendizagem mais acolhedores e estimulantes (Zabalza, 2021).

Ao compreender os estilos de amor de seus alunos, os educadores podem se tornar mais sensíveis às diferentes formas como o afeto e o apoio são percebidos e recebidos. Alguns alunos se beneficiam de uma relação mais calorosa e afetiva, como no caso do estilo Storge, que valoriza a amizade e a companhia. Esses alunos podem ser mais receptivos quando o educador investe tempo para construir uma relação de confiança e amizade, priorizando o apoio contínuo e o desenvolvimento de vínculos de longo prazo. Por outro lado, alunos com o estilo Pragma, que têm uma abordagem mais pragmática em suas relações, podem responder positivamente a práticas pedagógicas estruturadas, com objetivos claros e uma abordagem prática que leve em conta suas necessidades e expectativas individuais. Ao identificar essas diferentes abordagens, o educador pode adaptar suas estratégias para atender melhor esses alunos, facilitar seu envolvimento no processo de aprendizagem e criar um espaço para que o diálogo legítimo possa existir.

Nesse sentido, Paulo Freire (2018) defendeu que o diálogo é um compromisso por

uma educação que seja libertadora e que este, para existir, deve ser infundado no amor. Em outras palavras, a prática educativa, que é uma prática de liberdade, exige, para ser efetiva, a prática do amor.

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (Freire, 2018, p. 110-111).

Amor e afeto: motores da educação humanizada

A prática do amor na educação, não se restringe a um sentimento romântico ou individualizado, mas manifesta-se como uma postura ética e política que reconhece a humanidade do outro e se compromete com sua emancipação. O amor, nesse contexto, torna-se a base para o respeito mútuo, a escuta ativa e a valorização das histórias e identidades dos educandos. Ele é o motor que transforma o espaço educativo em um lugar de construção conjunta de saberes, horizontal, onde o diálogo não é apenas uma técnica pedagógica, mas um ato genuíno de co-criação, que desafia relações hierárquicas de poder e promove uma pedagogia que humaniza (Freire, 1966). O educador que pratica o amor em sua atuação contribui para que a educação não seja uma prática de domesticação, mas sim de transformação social e de libertação. A educação, nesse contexto, torna-se um ato humanizador, que rompe com a concepção tradicional e autoritária do ensino, para instaurar uma prática libertadora onde ambos, educador e educando, aprendem e ensinam em uma troca recíproca (Freire, 2018).

Nesse sentido, é importante ressaltar que a proposta de reconhecer o estilo de amor dos educandos não deve ser vista como uma forma de rotular os alunos ou simplificar suas complexas individualidades. Em vez disso, o objetivo é usar esses estilos de amor como ferramentas para aproximar o educador de seus alunos e criar um ambiente dialógico. Ao considerar as diversas maneiras de expressar e receber afeto, o educador pode responder de forma mais sensível às necessidades emocionais e sociais de cada aluno e, ao articular sua prática com a Teoria das Cores do Amor, os educadores têm a chance de proporcionar uma experiência de aprendizado mais transformadora.

Cabe destacar neste momento que tal diálogo não será apenas por via dos alunos que confessam suas emoções e recebem um tratamento diferenciado. Os educadores também são chamados a expressarem seus próprios estilos de vivenciar o amor educacional.

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. [...] Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais, mas não estão eles mesmos dispostos a partilhar as suas exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva (Hooks, 2013).

Dessa forma, a prática educativa baseada na liberdade e no amor exige reciprocidade, em que tanto alunos quanto professores se engajam em um processo de partilha e crescimento mútuo. Ao reconhecer os diferentes estilos de amor como formas de expressão e conexão, o educador não apenas responde melhor às necessidades emocionais dos alunos, mas também enriquece sua própria experiência de ensino. Esse ambiente de troca verdadeira contribui para uma experiência educacional mais significativa e transformadora, onde o amor e a liberdade caminham juntos, promovendo o aprendizado coletivo e o desenvolvimento pessoal.

Diálogo da Teoria com a Prática

A integração dos seis estilos de amor na prática pedagógica oferece uma abordagem integrativa que permite aos educadores considerarem as diversas necessidades emocionais e motivacionais de seus alunos. Cada estilo de amor traz consigo uma maneira única de se conectar, se comunicar e aprender, e, ao reconhecer essas diferenças, os educadores podem construir um ambiente de aprendizagem mais sensível às diversas formas de interação dos alunos. A ideia é que, ao adotar práticas pedagógicas que abracem essa diversidade, o educador não apenas se concentre no conteúdo acadêmico, mas também na construção de relações afetivas que favoreçam o desenvolvimento emocional. Por exemplo, ao compreender as diferentes formas de amor que motivam os alunos, os educadores podem articular práticas que atendem a essas diversas necessidades, criando uma atmosfera de respeito e empatia. Isso não apenas favorece o engajamento dos estudantes nas atividades, mas também promove a autorregulação emocional, essencial para que os alunos possam lidar com os desafios do aprendizado de maneira mais resiliente e confiante.

Além disso, ao equilibrar as diversas expressões de afeto, a prática pedagógica se torna mais inclusiva. Ao integrar esses estilos, os educadores reconhecem e valorizam as diferenças individuais de seus alunos, estruturando abordagens que atendam às suas necessidades afetivas e cognitivas, o que fortalece o vínculo entre professor e aluno, facilitando o processo de aprendizagem. Conforme Vygotsky (1978), o aprendizado acontece por meio das interações sociais, e quanto mais o aluno se envolve no processo educativo, mais significativa tende a ser sua aprendizagem.

Dessa forma, os educadores não só formam profissionais capacitados, mas indivíduos mais empáticos, colaborativos e conscientes de suas próprias emoções e das

outras. Como destaca Oliveira no prefácio de *Pedagogia da Autonomia*, “a competência técnico científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas” (Oliveira, 1996, p. 10). Esse equilíbrio entre o emocional e o acadêmico contribui para um ensino mais transformador, em que os alunos se sintam acolhidos, compreendidos e motivados para alcançar seu pleno potencial.

Entretanto, é importante reconhecer que propor novas formas de atuação na prática pedagógica não é tarefa simples. O cotidiano escolar é atravessado por inúmeros desafios que vão desde a falta de engajamento dos estudantes, passando por problemas estruturais, até a própria desvalorização social da profissão docente, que impacta a motivação e as condições de trabalho dos educadores. Nesse contexto, sugerir abordagens que contemplem dimensões afetivas pode parecer, à primeira vista, um peso a mais em meio a tantas demandas. No entanto, ao se entender que essas práticas humanizadas não são um acréscimo, mas parte integrante de um processo educativo mais amplo, torna-se possível vislumbrar caminhos para uma pedagogia que cuide não só do intelecto, mas também da alma e do coração dos educandos. Trata-se de reconhecer que educar é, antes de tudo, um ato relacional, que demanda coragem para inovar, sensibilidade para acolher e compromisso ético com o desenvolvimento integral de cada um. Como Paulo Freire tão bem expressou: “Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las” (1996, p. 52).

Considerações finais

Este breve ensaio buscou apresentar como a Teoria das Cores do Amor, ainda que criada para entender relações amorosas, pode oferecer reflexões importantes para o campo da educação. Ao aproximar os seis estilos de amor propostos por John Alan Lee de práticas pedagógicas mais humanizadas, ficou evidente o potencial que essa integração tem para tornar a sala de aula um espaço mais acolhedor, respeitoso e atento às diferenças emocionais de cada estudante.

Entender o amor aqui não como algo restrito ao campo romântico, mas como um elo humano profundo, amplia o papel do educador, que passa a ir além da simples tarefa de transmitir conteúdos. Os estilos Eros, Ludos, Storge, Mania, Pragma e Ágape podem servir como diferentes lentes para perceber como os alunos se relacionam, o que os motiva e como se sentem no processo de aprendizagem. Dessa forma, a escola se torna também um lugar de construção subjetiva e fortalecimento emocional, e não apenas de formação intelectual.

Por outro lado, não se pode ignorar que inserir esse olhar mais afetuoso na prática pedagógica esbarra em dificuldades concretas. Muitos professores já lidam diariamente com desafios que minam o entusiasmo e comprometem até mesmo a saúde emocional de quem ensina. Dentro desse contexto, falar em trazer mais afeto para a sala de aula pode soar distante ou até ingênuo. Ainda assim, é justamente por reconhecer esse cenário

adverso que fica mais claro o quanto práticas que integrem o cuidado emocional não são um luxo, mas uma necessidade. Ao valorizar também o lado humano da educação, abre-se espaço para construir relações que apoiem não só o desenvolvimento intelectual, mas também o emocional dos alunos e, por consequência, dos próprios educadores.

Assim, ao levar em conta esses diferentes estilos de amar, o professor não forma apenas profissionais competentes, mas pessoas mais sensíveis, críticas e abertas ao outro. Como Paulo Freire já nos lembrava, o amor é fundamento do diálogo, e é justamente por meio dele que a educação se torna um ato de liberdade e transformação. Educar é, acima de tudo, ter coragem de se abrir ao outro, acolher suas histórias e caminhar junto na construção de saberes que nos tornam mais humanos.

Para além das reflexões apresentadas, este tema abre espaço para investigações futuras sobre como a Teoria das Cores do Amor pode ser aplicada em diferentes faixas etárias, considerando as especificidades do desenvolvimento infantil, adolescente e adulto, assim como em distintos contextos culturais, respeitando as diversas formas de expressar e compreender o afeto. Outra possibilidade é explorar como essa perspectiva poderia dialogar com outras abordagens pedagógicas já consolidadas, construindo práticas que articulem teoria, sensibilidade e realidade escolar. Mais do que oferecer respostas fechadas, espera-se que este ensaio provoque questionamentos e inspire educadores e pesquisadores a repensarem o papel do afeto na educação, abrindo caminhos para que o ensinar e o aprender sejam, cada vez mais, processos profundamente humanos.

Referências

ALVES, Welyngton Fernando. METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS: PRÁTICAS EMPÁTICAS, HUMANIZADAS E DE PROTAGONISMO JUVENIL—UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. **Revista Educação em Contexto**, v. 4, n. 1, p. 9-20, 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 65. ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2018.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade/bell hooks. **Tradução de Marcelo Brandão Cipolla**, v. 2, 2013.

LEE, John Alan. Colours of love: An exploration of the ways of loving. **New Press**, 1973.

LEE, John Alan. A typology of styles of loving. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 3, n. 2, p. 173–182, 1977. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/014616727700300204>. Acesso em: 4 jul. 2025.

MARTINS-SILVA, Priscilla de Oliveira et al. Theories about love in the field of Social Psychology. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 1, p. 16, 2013.

NETO, Felix. Love styles: A cross-cultural study of British, Indian, and Portuguese college students. **Journal of comparative family studies**, v. 38, n. 2, p. 239-254, 2007.

OLIVEIRA, Edina Castro de. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1996. p. 10.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Mind in society: the development of higher psychological processes. **Cambridge: Harvard University Press**, 1978.

ZABALZA, María Ángeles. Educación humanizada: valores y estrategias para la inclusión. **Madrid: Ediciones Morata**, 2021.

Notas de autoria

Ana Carolina Figueiredo Peixoto é graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e especialista em Terapia Cognitivo Comportamental pela Faculdade Integrada Instituto Souza. Atualmente é mestranda em Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8711352544878863>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6786-2252>

Juliana Figueiredo Peixoto é doutora em Ciências pelo Programa de Biologia Parasitária do Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Atualmente é professora de Parasitologia Clínica, Hematologia e Hemoterapia, Hematologia Clínica, Química Analítica e Citologia Clínica na Universidade Católica de Petrópolis.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3947073081438164>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9049-7529>

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

PEIXOTO, Ana Carolina Figueiredo; PEIXOTO, Juliana Figueiredo. Amor e ensino: articulações entre a Teoria das Cores do Amor e práticas pedagógicas humanizadas. **Sobre Tudo**, Florianópolis, v. 16, n. 1 p. 167--178, 2025.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista **Sobre Tudo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista **Sobre Tudo**. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 17/11/2024

Aprovado em: 10/07/2025

Publicado em: 30/07/2025